

# A INVISIBILIDADE OU POUCA PRESENÇA DE TEXTOS FEMININOS NAS PROVAS DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM): NOTÍCIAS DE PESQUISA

*Eunícia Almeida de Souza* (UFOB)

[nicia1475@hotmail.com](mailto:nicia1475@hotmail.com)

*Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto* (UFMT e UFOB)

[josenilce.barreto@ufob.edu.br](mailto:josenilce.barreto@ufob.edu.br)

## RESUMO

No presente trabalho, busca-se analisar a representação das autoras femininas e como essa representação impacta a formação de leitores e leitoras críticas, a partir das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para isso, adotamos uma perspectiva teórico-metodológica que abrange os estudos feministas e a crítica literária, permitindo examinar a marginalização das vozes femininas na literatura canônica. O estudo demonstra que, apesar da riqueza e diversidade da produção literária feminina, a presença de autoras nas questões do ENEM é ainda escassa, o que perpetua uma visão distorcida da história da Literatura. Entre os principais resultados, destacamos a necessidade de uma reavaliação curricular que inclua de forma mais significativa as obras de autoras, promovendo uma leitura mais inclusiva e plural. Além disso, evidenciamos o potencial transformador da literatura feminista para a formação de uma consciência crítica, capaz de desconstruir estereótipos e promover uma educação mais equitativa. Nessa perspectiva, dialogamos com teóricos como Virginia Woolf (1990), Simone de Beauvoir (1980), Hélène Cixous (1995), Judith Butler (2003), bell hooks (2017), dentre outros, cujas obras fundamentam a discussão sobre a importância de dar voz às mulheres na literatura e na sociedade. Ao final, buscamos contribuir para um campo de pesquisa que não apenas reconheça, mas também celebre as diversas narrativas femininas e suas interseções com a educação literária.

## Palavras-chave:

Provas do ENEM. Textos literários de autoria feminina. Formação de leitores(as).

## RESUMEN

En el presente trabajo se busca analizar la representación de las autoras y cómo esta representación impacta en la formación de lectores críticos, a partir del Examen Nacional de Educación Media (ENEM). Para ello, adoptamos una perspectiva teórico-metodológica que abarca los estudios de las mujeres y la crítica literaria, lo que nos permite examinar la marginación de las voces de las mujeres en la literatura canónica. El estudio demuestra que, a pesar de la riqueza y diversidad de la producción literaria de las mujeres, la presencia de autoras en las cuestiones del ENEM sigue siendo escasa, lo que perpetúa una visión distorsionada de la historia de la Literatura. Entre los principales resultados, destacamos la necesidad de una reevaluación curricular que incluya de manera más significativa las obras de autoras, promoviendo una lectura más inclusiva y plural. Además, destacamos el potencial transformador de la literatura feminista para la formación de una conciencia crítica, capaz de desconstruir estereotipos y promover una educación más equitativa. Desde esta perspectiva, dialogamos

con teóricas como Virginia Woolf (1990), Simone de Beauvoir (1980), Hélène Cixous (1995), Judith Butler (2003), bell hooks (2017), entre otras, cuyos trabajos apoyan la discusión sobre la importancia de dar voz a las mujeres en la literatura y la sociedad. Al final, buscamos contribuir a un campo de investigación que no solo reconozca, sino que también celebre las diversas narrativas femeninas y sus intersecciones con la educación literaria.

**Palabras clave:**

**Exámenes ENEM. Textos literarios escritos por mujeres. Formación de lectores.**

## ***1. Introdução***

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é um dos principais meios de entrada para o ensino superior no Brasil e reflete diretamente a qualidade e as tendências da educação no país. Através de suas provas, o ENEM busca avaliar uma gama de competências, incluindo habilidades de leitura e interpretação de textos literários. Para além disso, o ENEM tem se consolidado como uma das principais formas de avaliação educacional no país, sendo um marco para o acesso ao ensino superior.

No entanto, uma questão ainda negligenciada diz respeito à pouca presença de textos de autoria feminina nas provas do ENEM, que é um reflexo das desigualdades de gênero que permeia a literatura e a educação. Essa invisibilidade está enraizada em um contexto histórico e social mais amplo, no qual, desde o período colonial, as mulheres foram relegadas a papéis de submissão e repressão, pois a hegemonia masculina na produção cultural e literária perpetuou uma visão de mundo que minimizou ou silenciou a voz feminina, deixando-a à margem das narrativas predominantes.

Com base nessa linha de raciocínio, Priore (2020) afirma que

[...] acreditou-se numa natural desigualdade entre homens e mulheres. Para filósofos como Platão ou Aristóteles, por exemplo, a inferioridade do sexo feminino era tida como normal. Se alguns sentiam embaraço em justificar a escravidão do homem, a sujeição da mulher, contudo, lhes parecia natural. (PRIORE, 2020, p. 18)

Ao longo do tempo, mulheres começaram a quebrar esse ciclo de invisibilidade, utilizando a escrita como forma de resistência e visibilidade. Elas passaram a narrar suas experiências e a questionar o tratamento social a elas destinado. No entanto, apesar dessa trajetória de luta e afirmação, ainda é possível observar que a produção literária feminina não tem o mesmo reconhecimento que a masculina, especialmente nas provas

do ENEM, em que a maioria dos textos literários abordados é de homens, com uma representação insuficiente de vozes femininas.

Ante ao exposto, a trajetória das mulheres na literatura revela não apenas um esforço contínuo de resistência e busca por visibilidade em face de uma histórica desigualdade, mas também comprova um estorvo intrínseco no reconhecimento e valorização de suas vozes. Mesmo que haja um reconhecimento tímido das escritoras a partir do século XIX, sua produção literária ainda é pouco divulgada em contextos educacionais, como o do ENEM, em que o cânone masculino predomina.

Essa discrepância não apenas perpetua estereótipos de gênero, mas também limita a pluralidade de experiências e narrativas que enriquecem a literatura. É indiscutível que a inclusão de autoras e suas obras na formação educacional e cultural seja ampliada, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária, e que reconheça a importância da literatura de autoria feminina em todos os âmbitos da sociedade.

Partindo-se disso, neste artigo, são apresentadas notícias da pesquisa de mestrado em andamento, intitulada *A Invisibilidade ou Pouca Presença de Textos Femininos nas Provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)*. A partir dessa pesquisa, busca-se analisar a representatividade de textos de autoria feminina constantes nas provas do ENEM, refletindo sobre suas implicações na formação de leitores e na construção de repertórios culturais.

Para isso, apresentamos na seção seguinte a ausência de textos de autoria feminina nas provas do ENEM, discutindo as possíveis causas da invisibilidade ou pouca presença desses textos. Em seguida, na seção dois abordamos sobre o cânone literário e a formação do repertório cultural, analisando a influência desse cânone na formação literária dos/das estudantes, a partir da literatura de autoria feminina. Na subseção que se segue discutimos ainda o perfil das obras exigidas nas provas do ENEM, nas quais prevalecem em todas as edições uma quantidade expressiva de fragmentos textuais literários de autores.

Na seção três apontamos sugestões para uma educação literária inclusiva, partindo do princípio de rever a Literatura acerca da representação de vozes femininas na educação e nas provas do ENEM, evidenciando a importância da diversidade de textos literários de autores/autoras, seguidas das considerações finais nas quais retomamos as possíveis implicações da invisibilidade ou pouca presença de textos literários femininos nas provas do ENEM, propondo reflexões sobre a educação inclusiva

e a necessidade de um currículo plural, que contemple diversas vozes da Literatura, seguida das referências que embasam este artigo.

## **2. *Desvelando a ausência de textos de autoria femininas nas provas do ENEM***

A Literatura Brasileira, apesar de sua diversidade e riqueza, tem sido marcada por uma representatividade desproporcional entre autores e autoras, o que também reflete nas provas do ENEM. A presença limitada de textos femininos no exame não apenas omite as contribuições das mulheres, mas também perpetua um modelo literário restrito. A esse respeito, Abreu (2015) sinaliza que

[...] a história literária, por muito tempo, foi constituída a partir de pressupostos sobre a exclusividade do registro da cultura escrita por meio de uma visão masculina, sendo que tais investigações têm gerado questões críticas sobre as determinações que permeiam o campo literário, suas relações de poder e os mecanismos reguladores responsáveis pela exclusão da mulher como sujeito da cultura. A tradição estética brasileira, com base europeia, definiu a criação artística como um dom masculino, ofertando à mulher o lugar de leitora e, quando muito, de reprodutora desses princípios. (ABREU. 2015, p. 15)

De acordo com o pensamento de Abreu (2015), pode-se inferir que a invisibilidade das autoras nas provas do ENEM é consequência de uma tradição literária que historicamente relegou as mulheres a uma posição secundária. Nessa mesma linha de entendimento, argumenta Simone de Beauvoir (1980) que a mulher foi historicamente considerada “o outro”, uma construção social que a excluiu das narrativas dominantes. Essa autora reitera que “A mulher sempre foi tratada como o ‘outro’ na sociedade, um ser subordinado ao homem, e a literatura não está imune a essa estrutura” (BEAUVOIR, 1980, p. 25).

Nessa mesma perspectiva, afirma Duarte (2016, p. 45): “A literatura brasileira, em grande parte, se construiu a partir da omissão das vozes femininas, relegando-as a um espaço de invisibilidade que reflete as desigualdades estruturais da sociedade”. Dessa maneira, a autora destaca como essa exclusão histórica prejudica a percepção da literatura produzida por mulheres e como isso impacta negativamente na formação intelectual dos leitores.

Essa visão de subordinação repercute diretamente na seleção de textos para o ENEM, um exame que, em suas edições, pouco tem favorecido a inclusão de obras de autoria feminina. Katz (2002, p. 142), ao

tratar da Educação e da Literatura no Brasil, explica que “A literatura brasileira tem sido tradicionalmente dominada por um olhar masculino, o que resulta na marginalização de autoras femininas no ensino e nos exames nacionais”. Essa marginalização reflete a persistente desigualdade de gênero na educação, em que o cânone literário ainda é amplamente composto por autores.

Em corroboração ao exposto, Abreu (2015, p. 15) informa ainda que

Os discursos retratavam as mulheres como seres imperfeitos por natureza, seres inferiores aos homens e que, naturalmente, estariam destinadas a ser submissas a eles. As ideologias positivistas e higienistas procuravam manter a mulher no espaço doméstico e impor-lhes regras de conduta que regulavam seu comportamento, constituindo-a, assim, na esposa perfeita, submissa ao marido e, depois, aos filhos homens. (ABREU. 2015, p. 15)

Historicamente, a Literatura Brasileira foi dominada por escritores, o que se reflete na seleção de textos literários nas avaliações de grande porte, como o ENEM. Mesmo com a presença de grandes autoras como Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Martha Medeiros etc., o cânone literário nacional tradicionalmente privilegia a voz masculina, como destaca Felinto (2018, 9.12): “A literatura brasileira sempre foi marcada por uma construção masculina, onde as vozes das mulheres eram, quando muito, secundárias ou invisíveis.”.

Diante disso, o período colonial brasileiro relegou as mulheres a papéis de submissão e repressão, consolidando uma concepção hegemônica masculina que favorecia a ascensão do masculino e mantinha o feminino à margem. Contudo, com a perseverança das mulheres, o caminho para sua visibilidade foi sendo traçado, permitindo que aos poucos elas conquistassem papéis sociais mais integrados e participativos. Este movimento foi acompanhado por uma produção literária crescente, com mulheres começando a expressar suas experiências e reflexões sobre as condições a elas impostas, narrando seus sentimentos frente ao tratamento social de que eram alvo.

Em consonância com as palavras de Felinto (2018), Casarin (2021) pontua que:

As mulheres que possuíam acesso à educação e o ímpeto de fazer literatura foram vítimas de muito preconceito e falta de reconhecimento. Para publicarem suas obras, utilizavam recursos como o anonimato, o uso de pseudônimos ou mesmo a publicação de suas obras sob a falsa autoria de

outros escritores. Essa realidade salienta uma hierarquização determinada pelo gênero, presente em todas as camadas sociais, responsável por podar grandes escritoras, que sequer têm seus nomes registrados nos livros de história da literatura. (CASARIN, 2021, p. 03)

A literatura feminista, como defendido por Cixous (1995), traz à tona novas narrativas e formas de ver o mundo. Essa autora sugere uma “escrita feminina” que ressignifica a ligação entre literatura e identidade, impulsionando discussões sobre a presença de mulheres e suas histórias. Tal abordagem é crucial para entender como a inclusão de autoras nas questões do ENEM poderia enriquecer a formação dos estudantes, oferecendo uma visão mais ampla e diversa da literatura.

Nessa mesma linha de percepção, Butler (2003) argumenta que as identidades são construídas e performadas socialmente. A marginalização das autoras no ENEM não apenas afeta a percepção dos estudantes sobre a literatura, mas também influencia a forma como as identidades de gênero são construídas e representadas na sociedade. Ao almejar uma educação mais inclusiva, é possível promover uma leitura crítica que desafie as normas sociais e literárias, contribuindo para a desconstrução de estereótipos.

Coaduna também nessa mesma seara a visão de Bell hooks (2017), ao enfatizar a importância da educação como um meio de conscientização e transformação social. Essa autora argumenta que uma educação crítica, que inclua vozes diversas, pode empoderar os alunos e criar uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, ao discutir a presença de autoras no ENEM, é imperativo promover uma reavaliação curricular que valorize essa diversidade.

Caso contrário, a marginalização das autoras no campo literário reverbera nas provas do ENEM, nas quais textos ou fragmentos textuais de autoria feminina são notavelmente em pequeno número. Publicações de artigos, de dissertações de mestrado e teses de doutorado têm divulgado a ínfima quantidade de produções literárias presentes nessa área. Além disso, tais publicações demonstram que é preciso dar visibilidade aos textos de autoria feminina, os quais foram esquecidos pela História e oferecer aos estudantes uma educação literária mais plural.

### **3. O Cânone literário e a formação do repertório cultural: as autoras no contexto literário brasileiro**

O conceito de cânone literário, defendido por Candido (2005), sugere que a literatura tem um papel fundamental na formação de um repertório cultural nacional. Nesse sentido, Candido (2005, p. 63) argumenta que “a literatura não apenas reflete, mas também constrói a sociedade, sendo crucial para a formação de uma identidade nacional”. Entretanto, quando o cânone literário é restrito a uma seleção predominantemente masculina, a formação de leitores críticos e plurais é prejudicada, limitando o acesso dos estudantes/leitores a uma visão diversificada da literatura brasileira.

Ainda sob a perspectiva de Candido (2005), a importância da literatura na formação de cidadãos críticos, que são capazes de questionar e refletir sobre sua sociedade. Em sua obra *Formação da literatura brasileira* (2004), Candido afirma que a literatura é fundamental para entender o papel que ela tem na formação de cidadãos críticos. Em conformidade com esse autor, a literatura não é apenas uma forma de entretenimento ou uma expressão artística; ela possui uma dimensão profunda que permite ao indivíduo questionar, refletir e compreender sua realidade social.

Candido (2004) argumenta ainda que a literatura, ao retratar a condição humana e as complexas relações sociais, oferece uma visão ampliada da sociedade e isso é possível por meio de narrativas, personagens e conflitos. Dessa forma, os textos literários possibilitam que os leitores adentrem diferentes mundos e realidades, estimulando a empatia e o entendimento das diversas vivências humanas. Esse contato com outras perspectivas ajuda a desenvolver um senso crítico, pois o leitor é convidado a se perguntar: “Como eu agiria nesse contexto?” ou “O que essa história revela sobre a minha própria sociedade?”, por exemplo.

Além disso, Candido (2004) enfatiza a função educativa da literatura, pois ele acredita que a leitura de obras literárias permite que os indivíduos adquiram um vocabulário mais rico e uma compreensão mais nuançada do mundo. Assim, a literatura ensina a interpretar e a questionar os discursos dominantes, instigando a curiosidade e o desejo de buscar a verdade. Dessa forma, a literatura torna-se um instrumento de formação ética e estética, promovendo uma visão crítica em relação às estruturas de poder e às injustiças sociais.

Candido também menciona a importância do acesso à literatura e à educação. Para que os cidadãos se tornem realmente críticos, é necessá-

rio que tenham a oportunidade de ler e de se envolver com diferentes tipos de literaturas. A democratização do acesso à literatura é, portanto, um aspecto crucial para que essa formação crítica se concretize.

Nessa perspectiva, Candido salienta que a literatura, ao proporcionar um espaço para a imaginação e o debate, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e justa, uma vez que o exercício da leitura crítica instiga as pessoas a não aceitarem passivamente as informações e as narrativas que lhes são apresentadas, mas a questionarem e a buscarem uma compreensão mais profunda dos processos sociais e históricos.

Em suma, Candido (2005, p. 72) nos assegura que “A literatura não deve apenas ser consumida passivamente; ela deve provocar o leitor a refletir sobre o mundo ao seu redor”. Dessa maneira, a visão de Candido sobre a literatura é a de que ela é essencial para a formação de cidadãos críticos, que são capazes de intervir em sua realidade social e contribuir para a transformação do mundo à sua volta. Essa ideia ressoa fortemente na contemporaneidade, onde o papel da literatura como agente de conscientização e mudança social se torna cada vez mais relevante em um contexto de desinformação e apatia e, portanto, a inclusão de autoras no ENEM é uma questão essencial para garantir que os estudantes desenvolvam uma visão crítica e plural sobre a sociedade brasileira.

A esse respeito, Woolf (2009, p. 56) complementa essa análise ao afirmar que as mulheres, ao longo da história, enfrentaram condições materiais e sociais desfavoráveis para sua produção literária. Essa autora assevera que “Uma mulher precisa de uma sala própria e de uma renda própria para poder escrever, pois sem isso ela é constantemente interrompida por exigências sociais e familiares”. Woolf (2009) destaca como a falta de espaço e recursos para as mulheres sempre foi um obstáculo para o reconhecimento de suas obras, algo que também pode ser observado na seleção de textos para o ENEM. Com base no exposto, ratifica Casarin (2021, p. 15) que:

O Brasil contemporâneo, ainda hoje, revela traços de um machismo perceptível em todas as esferas sociais. Basta discutir alguns dados de pesquisas sobre gênero que salta aos olhos a hegemonia masculina nos mais diversos cenários, entre eles, o literário. Se em um passado não muito longínquo a mulher sofreu um processo de segregação contundente no que tange à cultura, tendo pouco acesso à educação e impossibilitada de publicar seus escritos, hoje restam marcas dessa realidade, expostas pela desigualdade de gênero relativa a espaço de fala sobre literatura, prefe-

rências do mercado editorial, presença em eventos, premiações, etc. (CASARIN, 2021, p. 15)

A partir dessa perspectiva, escritoras como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus, dentre outras, produziram obras que não apenas refletem as complexidades da sociedade brasileira, mas também desafiam as normas estabelecidas. Contudo, a presença de textos ou excertos textuais nas provas do ENEM continua limitada, como pontua Carneiro (2015, p. 89), ao discutir o racismo e sexismo na cultura brasileira, explica que “as autoras negras e as mulheres das classes populares têm seu reconhecimento ainda mais dificultado, pois seus escritos não se alinham com o que é considerado ‘literatura de qualidade’ dentro dos cânones dominantes”.

A respeito do tema, Foucault (1977, p. 115) afirma que “os discursos são controlados por estruturas de poder, que determinam o que é considerado válido e legítimo”. Assim, na seleção de textos literários selecionados e as questões propostas nas provas do ENEM, pode-se deduzir que a escolha dos fragmentos textuais é uma manifestação de um poder que perpetua uma visão normativa e excludente da literatura, marginalizando as vozes femininas.

Nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina não é apenas uma questão de representatividade, mas de formação de leitores críticos e conscientes. Carneiro (2015, p. 95) reforça que “a literatura das mulheres, especialmente das negras, propõe uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e a opressão, algo que o sistema educacional precisa urgentemente incorporar”.

A inclusão de textos de autoras nas provas do ENEM é crucial para a promoção da diversidade literária, uma vez que é a partir do contato com as provas do ENEM que muitos estudantes têm contato com excertos textuais de autoria feminina. A esse respeito, Piñon (2021, p. 25) assegura que “A literatura feminina é um dos maiores patrimônios culturais de qualquer país, e deveria ser estudada e reconhecida como tal, não como uma subcategoria literária”. Dessa maneira, a presença de mais textos de autoria feminina nas provas do ENEM permitiria que os estudantes tivessem acesso a uma gama mais ampla de perspectivas, incluindo discussões sobre gênero, identidade e desigualdade, essenciais para a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade.

### 3.1. Perfil das obras exigidas nas provas do ENEM

Ao longo das edições do ENEM, a seleção de textos para as provas tem mostrado uma clara predominância de autores. Estudo realizado por Santos (2020) revela que, entre os anos de 2009 a 2019, apenas 18% dos textos literários presentes nas questões de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias foram de autoras. A pesquisa também aponta que, em muitos casos, mesmo quando há presença feminina, as autoras escolhidas são muitas vezes marginalizadas ou apenas mencionadas de forma periférica, sem que suas obras sejam analisadas de forma aprofundada.

De acordo com o artigo “Representatividade de gênero no currículo escolar: Uma análise das provas do ENEM”, dessa mesma autora (2020, p. 135): “A seleção de textos no ENEM reflete um preconceito velado, perpetuando a invisibilidade das escritoras e relegando-as a um segundo plano no debate literário”. Portanto, a escolha de obras não é inocente, mas sim uma manifestação de um preconceito estrutural que privilegia os homens, tanto na literatura quanto na educação.

Ampliando essa discussão, na seção “Catalogação dos textos de autoria feminina nas provas do ENEM (1998 a 2023)” constante na dissertação de mestrado em andamento intitulada *Autoras à margem da literatura?: estudo de textos literários de autoria feminina e de questões sobre crônicas nas provas do exame nacional do ensino médio (1998 a 2023)*, de autoria da autora deste artigo, vinculada ao Grupo de Estudo, Pesquisa e Ensino de Línguas (GEPELIN), liderado pelas professoras Aline Ribeiro Pessôa e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, ambas docentes do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia, é inventariada a quantidade de fragmentos e/ou textos literários de autoria feminina presentes nas provas do ENEM, de 1998 a 2023, a qual está listada no gráfico a seguir.



Fonte: Elaboração própria

Ante o exposto, em todas as edições do ENEM sempre há uma quantidade expressiva de textos de autores, e essa visão ficou demonstrada por meio do levantamento realizado. Nessa perspectiva, ao catalogar todos os textos de literatura desde a primeira edição do ENEM até a última aplicação em 2023, têm-se quatrocentos e sessenta e uns fragmentos textuais, equivalentes a um percentual de 85% de textos e/ou fragmentos literários de autores em detrimento de oitenta e três de autoria feminina, o que corresponde a 15% do total de textos ou excertos de autoria feminina.

Ao longo de todas as edições do ENEM, observa-se que a prova do primeiro dia da primeira aplicação destaca-se por apresentar um maior número de textos de autoria feminina. No entanto, apesar desse avanço na inclusão de vozes femininas, os textos de autores ainda predominam em termos de quantidade em todas as edições analisadas até 2023. Esse desequilíbrio sugere que, embora haja um reconhecimento crescente da produção literária feminina no exame, os fragmentos textuais de autores continuam a ocupar a maior parte do espaço, refletindo uma tendência histórica de maior visibilidade desses autores no cenário educacional e literário.

Diante disso, os dados obtidos através do estudo em andamento, reforçam a desproporcionalidade na seleção de autores e obras. Apesar da vasta produção literária feminina, a representação das autoras nas questões do exame continua sendo escassa. Essa realidade não apenas perpetua uma visão limitada da literatura, mas também compromete a formação de uma base crítica nos estudantes.

Os resultados indicam a necessidade urgente de uma revisão e ampliação do currículo que abranja obras de autoras consagradas e contemporâneas, promovendo um diálogo inclusivo com a história da literatura. Essa reavaliação deve considerar não apenas as obras que se alinham à literatura canônica, mas também aquelas que desafiam e expandem essa canonização, oportunizando aos estudantes o contato com uma variedade de textos literários em diferentes perspectivas.

#### ***4. Propostas para uma educação literária inclusiva: o início de um diálogo***

Para uma mudança significativa no cenário da literatura escolar e no ENEM, é necessário revisar a forma como os textos são selecionados

e quais vozes são privilegiadas. Algumas propostas para uma maior inclusão de autoras femininas incluem:

1) Diversificação do cânone literário: incluir mais autoras de diferentes regiões e contextos sociais, refletindo a diversidade da literatura brasileira. Sobre esse requisito, Felinto (2018, p. 31) aponta que “o cânone literário brasileiro é, em grande parte, uma construção patriarcal que despreza as contribuições das mulheres para a cultura nacional”.

Diante disso, é necessário reafirmar que a persistência do cânone literário masculino seja uma das principais causas para a pouca presença de textos de autoras nas provas do ENEM. A seleção de obras literárias continua a ser influenciada por um sistema que historicamente marginalizou as mulheres. Logo, uma das principais medidas para corrigir esse desequilíbrio seria a reformulação do cânone literário nas provas do ENEM, incluindo uma maior variedade de autoras. De acordo com Piñon (2021, p. 33), “a educação literária deve refletir a diversidade da sociedade, incluindo as vozes femininas e periféricas, para que possamos criar uma literatura plural e representativa”. Assim, o exame pode se tornar uma ferramenta de transformação social, ao proporcionar aos estudantes uma experiência literária mais rica e inclusiva.

2) Revisão dos critérios de seleção de textos: fomentar uma revisão crítica dos critérios que excluem as autoras femininas, considerando suas obras como parte essencial do repertório literário nacional. Quanto a esse ponto é imprescindível afirmar que há uma falta de reflexão crítica sobre as diretrizes e a escolha dos textos são selecionados para as provas do ENEM. Para Oliveira (2020, p. 43), “O exame, ao seguir padrões conservadores, não tem priorizado a inclusão de obras que questionem os padrões hegemônicos de gênero e raça”. Isso sugere que há uma resistência em atualizar a seleção de textos de maneira a refletir as transformações sociais contemporâneas, incluindo a luta por mais representatividade feminina.

3) Outro requisito que merece destaque é a capacitação docente: oferecer formação para os professores sobre a importância da literatura de autoria feminina, para que possam integrar esses textos no ensino. Destarte, a capacitação dos educadores é outro passo fundamental para garantir que a literatura feminina seja adequadamente apresentada aos estudantes. A formação continuada de professores deve incluir abordagens que incentivem a leitura e o debate sobre autoras brasileiras, de modo que eles possam transmitir essa riqueza literária em suas aulas.

Diante disso, a falta de representatividade feminina perpassa desde o livro didático do ensino fundamental e médio, reverberando nas provas do ENEM. Vale pontuar que isso não é apenas uma questão de inclusão, mas também uma questão política: “os textos exigidos no exame moldam a visão de mundo dos estudantes, criando um imaginário social que, ao excluir as mulheres, reforça uma visão patriarcal e desiguais das produções intelectuais” (GATTI, 2019, p. 112). A ausência de autoras pode contribuir para a perpetuação de estereótipos de gênero e dificultar o desenvolvimento de uma educação crítica e inclusiva.

Nessa linha de pensamento, a pouca presença de textos de autoria feminina nas provas do ENEM pode trazer consequências para a formação acadêmica dos estudantes, especialmente das estudantes, que não encontram textos literários femininos com os quais possam se identificar. Em consonância com esse posicionamento, Souza (2021, p. 97) afirma que a exclusão das autoras nas provas do ENEM “cria um vazio simbólico para as estudantes, que se veem privadas de referências literárias que possam refletir suas próprias experiências e lutas”. Essa ausência pode gerar um sentimento de desvalorização entre os/as estudantes, dificultando seu envolvimento com a literatura e com o próprio processo educativo.

## **5. Considerações finais**

A pouca presença de textos femininos no ENEM impacta diretamente a formação dos estudantes, especialmente as mulheres, que não encontram modelos literários femininos com os quais possam se identificar. De acordo com Souza (2021, 97), a exclusão das autoras nas provas do ENEM “cria um vazio simbólico para as estudantes, que se veem privadas de referências literárias que possam refletir suas próprias experiências e lutas”. Essa ausência pode gerar um sentimento de desvalorização entre as estudantes, dificultando seu envolvimento com a literatura e com o próprio processo educativo.

Ao promover a inclusão de textos femininos, o ENEM teria a oportunidade de ampliar o repertório dos estudantes, proporcionando uma educação literária mais completa. O estudo de autoras brasileiras pode ajudar a fomentar a crítica social, abordando questões de desigualdade de gênero e empoderamento feminino. Para Almeida (2020, p. 89), a diversidade nas leituras “É fundamental para a formação de cidadãos críticos, capazes de questionar e transformar a sociedade em que vivem”.

Portanto, a presença de textos femininos não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também de qualidade educacional.

A persistência do cânone literário masculino é uma das principais causas para a pouca presença de textos de autoras nas provas do ENEM. A seleção de obras literárias continua a ser influenciada por um sistema que historicamente marginalizou as mulheres. Como aponta Felinto (2018, p. 31), “O cânone literário brasileiro é, em grande parte, uma construção patriarcal que despreza as contribuições das mulheres para a cultura nacional”.

Além disso, há uma falta de reflexão crítica sobre as diretrizes do exame e sobre a escolha dos textos. Para Oliveira (2020, p. 43), “O exame, ao seguir padrões conservadores, não tem priorizado a inclusão de obras que questionem os padrões hegemônicos de gênero e raça”. Isso sugere que há uma resistência em atualizar a seleção de textos de maneira a refletir as transformações sociais contemporâneas, incluindo a luta por mais representatividade feminina.

Uma das principais medidas para corrigir esse desequilíbrio seria a reformulação do cânone literário nas provas do ENEM, incluindo uma maior variedade de autoras. De acordo com Piñon (2021, p. 33), “A educação literária deve refletir a diversidade da sociedade, incluindo as vozes femininas e periféricas, para que possamos criar uma literatura plural e representativa”. O exame pode se tornar uma ferramenta de transformação social, ao proporcionar aos estudantes uma experiência literária mais rica e inclusiva.

A capacitação dos educadores é outro passo fundamental para garantir que a literatura feminina seja adequadamente apresentada aos estudantes. A formação continuada de professores deve incluir abordagens que incentivem a leitura e o debate sobre autoras brasileiras, de modo que eles possam transmitir essa riqueza literária em suas aulas.

A invisibilidade das autoras nas provas do ENEM reflete um problema estrutural mais amplo da educação brasileira, que ainda prioriza as vozes masculinas no campo literário. Para promover uma educação mais justa e inclusiva, é necessário que o exame adote uma abordagem mais plural, valorizando a literatura feminina e proporcionando aos estudantes uma formação crítica e representativa. A revisão das diretrizes do ENEM, a reformulação do cânone literário e a capacitação de educadores são passos essenciais para alcançar essa transformação.

A invisibilidade das autoras femininas nas provas do ENEM é um reflexo da estrutura de poder que domina o campo literário e educacional no Brasil e que ainda prioriza as vozes masculinas no campo literário. Para promover uma educação mais justa e inclusiva, é necessário que o exame adote uma abordagem mais plural, valorizando a literatura feminina e proporcionando aos estudantes uma formação crítica e representativa. Para isso, faz-se essencial revisar as diretrizes do ENEM, pois a reformulação do cânone literário e a capacitação de educadores são passos essenciais para alcançar essa transformação.

Como aponta Foucault (1977, p, 119), “O poder de determinar o que é considerado verdadeiro ou válido é central para a manutenção das estruturas sociais”. Essa verdade, no caso da literatura brasileira, tem sido historicamente construída de maneira excludente, marginalizando as autoras. Para que o ENEM cumpra sua missão de formar cidadãos críticos e informados, é essencial que a literatura brasileira seja representada de forma mais justa e plural, com a inclusão das vozes femininas que tanto enriqueceram a cultura literária do país.

Nessa vertente, a invisibilidade das autoras nas provas do ENEM não é apenas uma questão de representação literária, mas reflete um panorama de desigualdade de gênero na educação. O reconhecimento e a celebração das narrativas femininas, conforme proposto por autores e autoras estudados, são fundamentais para a construção de uma educação mais equitativa e crítica. Uma abordagem inclusiva na seleção de textos literários não apenas enriquece o conhecimento dos estudantes, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e capazes de desafiar as estruturas que perpetuam a desigualdade. Portanto, urge a importância de ações concretas que promovam uma mudança significativa e necessária na forma como a literatura é ensinada e valorizada, considerando a riqueza das vozes femininas.

A discussão sobre a presença e a ausência de textos de autoria feminina nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) revela uma questão fundamental sobre a construção do cânone literário e seu impacto na formação do repertório cultural dos estudantes brasileiros. O cânone, historicamente dominado por vozes masculinas, não apenas marginaliza a produção literária feminina, mas também limita a compreensão das diversas perspectivas que compõem a experiência humana. Nesse sentido, a invisibilidade das autoras no contexto literário brasileiro perpetua estereótipos e empobrece o ensino literário.

Analisando o perfil das obras exigidas nas provas do ENEM, observa-se uma predominância de textos que não contemplam a rica diversidade da literatura feminina, resultando em uma formação desigual para os alunos. Esse cenário não somente ignora a valiosa contribuição de autoras, mas também afeta a formação de uma consciência crítica entre os estudantes, que se tornam menos propensos a desenvolver uma visão plural sobre a cultura e a sociedade.

Nesse viés, é imperativo que se proponham estratégias para uma educação literária inclusiva. A reavaliação curricular deve priorizar a inclusão de obras de autoras, promovendo discussões que reconheçam a importância das vozes femininas. Essa inclusão não apenas enriquecerá o repertório cultural dos estudantes, mas também fomentará uma educação mais equitativa, que celebre a diversidade de experiências e histórias presentes na literatura.

Desse modo, a transformação do cenário literário e educacional deve ser uma prioridade nas políticas públicas e nas práticas pedagógicas. A valorização da literatura feminina é um passo fundamental para desconstruir estereótipos, abrir espaços para novas narrativas e contribuir para uma formação mais completa e justa, onde todas as vozes tenham a oportunidade de serem ouvidas e reconhecidas. Assim, a literatura poderá cumprir seu papel de agente de mudança social, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

Nesse sentido, é imprescindível que se proponham estratégias para uma educação literária inclusiva. A reavaliação curricular deve priorizar a inclusão de obras de autoras, promovendo discussões que reconheçam a importância das vozes femininas. Essa inclusão não apenas enriquecerá o repertório cultural dos estudantes, mas também fomentará uma educação mais equitativa, que celebre a diversidade de experiências e histórias presentes na literatura.

A fim de garantir uma educação literária inclusiva, é imprescindível que os órgãos competentes da educação, como o Ministério da Educação (MEC) e as Secretarias Estaduais e Municipais, desenvolvam e implementem estratégias eficazes. Ademais, é necessário primar por uma reavaliação do currículo escolar e incluir mais obras de autoria feminina, tanto nos materiais didáticos quanto nas provas do ENEM.

Nessa perspectiva, essa inclusão promoverá discussões que reconheçam e valorizem as vozes femininas na literatura. Desse modo, essa iniciativa não apenas enriquecerá o repertório cultural dos estudantes,

mas também fará com que a educação seja mais justa, enaltecendo a diversidade da produção literária feminina na literatura. Assim, inserir a produção de obras de autoras ao currículo escolar, os estabelecimentos de ensino poderão contribuir substancialmente na formação de cidadãos arguidores e conscientes da diversidade textual e cultural existentes.

Por fim, sinalizamos que mudanças no cenário literário e educacional devem ser prioridade nas políticas públicas e nas práticas pedagógicas. Isso significa afirmar que a valorização da literatura de autoria feminina é uma iniciativa importante para romper com estereótipos em relação aos textos de autores e inserir e divulgar as obras de autoria feminina nos livros didáticos e provas do ENEM, a fim de que todas as vozes tenham a oportunidade de serem ouvidas e reconhecidas. Logo, a literatura pode ser uma chave para inserir o leitor/estudante no mundo da imaginação, do conhecimento e, quiçá, contribuir para que a sociedade seja mais justa e igualitária.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Gênero em Disputa: Feminismo e a Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Brasileira, 2005.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. São Paulo: XYZ, 2015.

CASARIN, Jéssica. Literatura de autoria feminina contemporânea e resistência: O Mulherio das Letras. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 38, p. 1-15, 2021. DOI: 10.0000/0000. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinoçao/articles/view/4426>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CIXOUS, Hélène. *A Riqueza da Palavra*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DUARTE, Constância Lima. *A Visibilidade da Mulher na Literatura Brasileira*. São Paulo: XYZ, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KATZ, Helena. *Mulheres e Literatura: Questões de Gênero e Educação*. São Paulo: Editora X, 2002.

PIÑON, Nélida. *A literatura feminina e suas ausências no currículo escolar*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SOUZA, Claudia. *Mulheres na literatura: A importância da representatividade no ensino médio*. São Paulo: Moderna, 2021.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.